

Texto:

TUCHMAN, G. 2002. *As notícias como uma realidade construída*. In: Pissarra, E. J. (org.). **Comunicação e Sociedade – os efeitos sociais dos meios de comunicação de massa**. Lisboa: Livros Horizonte

## AS NOTÍCIAS COMO UMA REALIDADE CONSTRUÍDA

GAYE TUCHMAN

As diferentes sociologias assumem uma posição teórica relativamente às pessoas como actores sociais. As sociologias mais tradicionais - não aquelas habitualmente utilizadas no estudo da produção noticiosa (Tuchman, 1978) - caracterizam as actividades dos homens e das mulheres como produtos da sua socialização, segundo normas que derivam das características objectivas da estrutura social. Sucintamente, defendem que a sociedade cria a consciência. De forma distinta, as sociologias interpretativas mais recentes consideram que o mundo social fornece normas que os actores invocam, como recursos ou constrangimentos do seu trabalho activo, para concretizar os seus projectos. Através deste trabalho, os actores dão forma ao mundo social e às suas instituições como fenómenos construídos e partilhados. Dois processos ocorrem em simultâneo. Por um lado, a sociedade ajuda a moldar a consciência. Por outro lado, através da sua apreensão intencional dos fenómenos no mundo social partilhado - através do seu trabalho activo -, os homens e as mulheres constroem e constituem colectivamente os fenómenos sociais.

*Construção da sociedade ajuda a moldar a consciência e os fenómenos sociais*

## AS NOTÍCIAS COMO UMA REALIDADE CONSTRUÍDA

Cada uma destas perspectivas sobre os actores sociais implica uma abordagem teórica diferente das notícias. Partindo da primeira perspectiva, a mais tradicional, pode-se argumentar de forma lógica, tal como Roshco (1975), que qualquer definição social de notícia depende da própria estrutura da sociedade em questão. A estrutura social produz normas, incluindo atitudes que definem os aspectos da vida social que são do interesse ou têm importância para os cidadãos. É suposto que as notícias digam respeito a esses tópicos reconhecíveis. Socializados nessas atitudes sociais e nas normas profissionais, os jornalistas cobrem, seleccionam e difundem histórias sobre os temas identificados como interessantes ou importantes. Em virtude do cumprimento desta função por parte dos jornalistas, as notícias reflectem a sociedade: as notícias apresentam à sociedade um espelho das suas preocupações e interesses. Para que uma definição social de notícia se altere, infero-se logicamente, a estrutura da

*Abordagem tradicional a notícias é baseada na estrutura da sociedade em questão. A estrutura social produz normas, incluindo atitudes que definem os aspectos da vida social que são do interesse ou têm importância para os cidadãos. É suposto que as notícias digam respeito a esses tópicos reconhecíveis. Socializados nessas atitudes sociais e nas normas profissionais, os jornalistas cobrem, seleccionam e difundem histórias sobre os temas identificados como interessantes ou importantes. Em virtude do cumprimento desta função por parte dos jornalistas, as notícias reflectem a sociedade: as notícias apresentam à sociedade um espelho das suas preocupações e interesses. Para que uma definição social de notícia se altere, infero-se logicamente, a estrutura da*

sociedade e das suas instituições tem primeiro de mudar. Como diz Roshco, as notícias podem desempenhar um papel na mudança social ao relatarem actos desviantes «interessantes» sob a forma de notícias leves, como no exemplo paradigmático do homem que mordeu o cão. Se um número suficiente de pessoas adoptar essas formas de desvio, a estrutura social pode ser modificada e a sua definição de notícia pode ser alterada. Mas, segundo esta perspectiva, as definições de notícia permanecem dependentes da estrutura social, e não das actividades dos jornalistas ou das organizações jornalísticas.

Estudos realizados (Tuchman, 1978: 156-181) desacreditam, porém, esta perspectiva tradicional das notícias e da mudança social. As concepções modernas de notícia desenvolveram-se em conjunto com a estrutura social norte-americana. A imprensa popular proporcionou o aparecimento, em simultâneo, de novos capitalistas e de novas definições de democracia, mas está também indissociavelmente ligada a estes mesmos fenómenos. Criou a distinção, então radical, entre moralidade pública e moralidade privada, ao assumir a noção de informação pública difundida para benefício privado (empresarial). Rompeu também a relação face-a-face entre produtores e consumidores de comunicação - uma transformação crucial para as subsequentes formas de interacção parasocial e para a segmentação de papéis nas sociedades industriais avançadas.

A abordagem interpretativa das notícias - de acordo com a metáfora da janela-enquadramento (*Ibid.*: 1-14) - é mais activa. Enfatiza a actividade dos jornalistas e das organizações jornalísticas, em vez das normas sociais, uma vez que não pressupõe que a estrutura social produz normas claramente definidas que determinam o que é digno de notícia. De modo diferente, defende que os jornalistas, que simultaneamente invocam e aplicam normas, também definem essas mesmas normas. Isto é, as noções de noticiabilidade encontram as suas definições em cada momento; como, por exemplo, quando os editores de jornais decidem os assuntos a ser apresentados em primeira página. De forma semelhante, defende esta abordagem que as notícias não espelham a sociedade. Ajudam a constituir-la como um fenómeno social partilhado, dado que no processo de descrição de um acontecimento, as notícias definem e moldam esse acontecimento; tal como as histórias noticiosas interpretaram e construíram o período inicial do moderno movimento feminista, como uma actividade de ridículas incendiárias de *soubiens*.

Ao enfatizar as actividades dos jornalistas, a abordagem interpretativa estabelece também um tratamento diferente da mudança social. A semelhança da perspectiva mais tradicional, esta abordagem aceita a ideia de que as histórias sobre desviantes têm alguma relação com a estrutura social, mas descreve esta relação de uma maneira diferente. Em vez de afirmar que as histórias sobre desviantes podem «modificar» a estrutura social, as sociologias interpretativas consideram que essas histórias definem, de um modo activo, o que é desviante e o que é normativo. Reciprocamente, as histórias sobre actos e actores sociais positivamente sancionados são recursos que permitem definir tanto a conformidade como o desvio. Cada um destes tipos de histórias implica ou afirma a presença ou ausência do outro tipo, na medida em que cada um deles está

integrado nos processos que os jornalistas utilizam para reduzir a grande quantidade de ocorrências enquanto matéria prima de notícias (*Ibid.*: 39-63). As histórias acerca de grupos sociais desviantes, como o movimento feminista, são transformadas, por exemplo, em notícias leves (*Ibid.*: 133-155), ou, quando tratadas como notícias sérias, caracterizam as feministas como pessoas que se reúnem em locais impróprios, a horas impróprias e com objectivos impróprios (Molotch and Lester, 1975), como uma ameaça à estabilidade social. Ao impor estas significações, as notícias estão permanentemente a definir e a redefinir, a construir e a reconstruir os fenómenos sociais.

Já em anteriores ocasiões recorri a uma abordagem interpretativa no estudo das notícias, procurando demonstrar como o trabalho jornalístico transforma as ocorrências quotidianas em acontecimentos informativos. Por vezes explicitamente, outras implicitamente, essas descrições do trabalho jornalístico recorrem aos conceitos de «reflexividade» e «indexicalidade», propostos pelos etnometodólogos (particularmente Garfinkel, 1967); de «quadro simbólico» e «tira», propostos por Goffman (1974); e de «construção social da realidade», desenvolvido por Berger e Luckmann (1967). Todos estes conceitos sublinham que os homens e as mulheres constroem activamente significações sociais. Todos eles derivam, em última análise, de leituras do trabalho de Alfred Schutz (1962, 1964, 1966, 1967), um filósofo das ciências sociais cujas ideias influenciaram também a formulação de ideologia de Smith (1972). Os escritos de Schutz, por sua vez, derivam do seu estudo da fenomenologia de Edmund Husserl, do trabalho de Henri Bergson e dos pragmatistas americanos, e da sociologia de Max Weber.

#### ALFRED SCHUTZ E O ESTUDO DO MUNDO QUOTIDIANO

Um ensaio de Schutz, incorporando as ideias de William James, teve um impacto particularmente poderoso no desenvolvimento mais recente da sociologia interpretativa<sup>4</sup>. Em «On Multiple Realities», Schutz (1962) desenvolve as propriedades fenomenológicas básicas do mundo social partilhado<sup>5</sup>. Primeiro, Schutz aceita a noção de James de que todos nós experienciamos muitos subuniversos, incluindo o mundo dos sentidos e das coisas físicas, o mundo da ciência, o mundo dos sonhos e o mundo da loucura. Em seguida, Schutz distingue o mundo quotidiano dos sentidos e das pessoas de outras realidades múltiplas. Interroga-se de que forma experienciamos estas realidades múltiplas? Como, por exemplo, é que a nossa experiência do mundo dos sonhos difere da nossa percepção do mundo quotidiano? Schutz está particularmente interessado no mundo quotidiano porque, tal como James, identifica-o como uma realidade primordial<sup>6</sup>.

Duas ideias que Schutz vai buscar a Husserl assumem particular importância. No desenvolvimento da sua filosofia, Husserl (1960, 1967) destacou a relação entre aquele que conhece e o que é conhecido. Reconhece a consciência como um fenómeno intencional<sup>7</sup>. Além disso, Husserl propôs que o filósofo pode apreender a essência dos fenómenos adoptando uma atitude específica,

referida como «pôr entre parênteses» ou a redução fenomenológica. Ao adoptar esta atitude, o filósofo põe em dúvida a existência de um fenómeno objectivo para verificar a sua essência, como oposta à sua forma material no mundo social. Por exemplo, o filósofo pode duvidar da existência das notícias para descobrir a sua essência idealista, enquanto oposta às suas formas, do passado, do presente ou do futuro, no mundo social.

A explicação de Husserl (1967) para a redução fenomenológica é complexa e tem sido objecto de análise por parte de outros autores (e.g., Farber, 1966). Aqui, é importante apenas na medida em que Schutz inverte a ideia de Husserl quanto ao significado do «pôr entre parênteses». Husserl propôs esta atitude como aquela que distingue o filósofo fenomenológico; Schutz explica que o mundo quotidiano se distingue precisamente pela ausência dessa atitude. Em vez de adoptarem uma atitude de dúvida em relação aos fenómenos do mundo social, os actores sociais aceitam os fenómenos como dados adquiridos. Por exemplo, apesar de um leitor de jornal poder duvidar da veracidade de uma notícia específica, ele ou ela não põem em causa a própria existência das notícias como fenómeno social. O leitor pode contestar o ponto de vista de uma história específica, de um dado jornal ou de um determinado noticiário televisivo, mas os jornais, as transmissões de radiodifusão e as próprias notícias surgem como dados objectivos. Schutz dá o nome de «atitude natural» ao estilo cognitivo que aceita a existência objectiva dos fenómenos sociais. Esse termo pressupõe que todos nós damos como adquirida a existência dos fenómenos sociais, vêm-los como dados, como estando «naturalmente» ali. Mas Schutz nunca afirma que esses fenómenos dados são eles próprios «naturais». Em «On Multiple Realities», a sua preocupação não é em relação aos fenómenos do mundo, mas com a atitude que os actores sociais assumem para abordar o mundo<sup>2</sup>.

Ao utilizar o termo «atitude natural», Schutz considera que quaisquer que sejam os conteúdos culturais, estruturais ou pessoais da vida do indivíduo, todos os indivíduos competentes experienciam estilos cognitivos semelhantes quando lidam com a realidade social. Isto é, um samoano, um ucraniano ou um americano, apesar dos seus antecedentes diferentes, podem experienciar estilos cognitivos semelhantes. Os indivíduos aceitam o seu mundo (quaisquer que sejam os seus conteúdos) como «natural», aceitam as coisas tal como são. Imaginemos duas pessoas que leiam a mesma notícia de jornal. Uma delas situa-se politicamente ao centro; a outra é um revolucionário. O revolucionário pode duvidar que a ocorrência relatada no jornal tenha acontecido da forma como a notícia a descreve. Mas não duvida da existência da própria ocorrência. Aliás, por exemplo, na tentativa de prever o efeito daquela notícia nos seus leitores ou de compreender como é que ela pode influenciar a tentativa de lançar um novo programa político, o revolucionário pode até dar mais atenção à «notícia do que aquele que é politicamente conservador». Na obra de Schutz, o conceito do mundo quotidiano é quase tautológico: o mundo quotidiano é constituído pelo próprio facto de ser dado como pressuposto. Lançar a dúvida leva-nos de uma das realidades múltiplas ou subuniversos para outra. Por exemplo, ao lançar a dúvida, podemos entrar no mundo da

ciência, no qual os indivíduos põem em dúvida (entre parênteses) a existência dos fenómenos com o objectivo de os estudar.

Mas Schutz não define a atitude natural de forma tautológica. Pelo contrário, propõe seis «características clássicas que constituem o estilo cognitivo específico do mundo quotidiano e que o diferenciam de outras «provincias finitas da significação» (outras realidades múltiplas)<sup>3</sup>. Para os meus objectivos, há duas tensões interessantes nesta lista de características apresentada por Schutz. Em primeiro lugar, enfatiza a característica de se dar como pressupostos os elementos básicos da vida social, tais como o tempo e a intersubjectividade (tomar o papel do outro), enquanto socialmente adquiridos. Em segundo lugar, Schutz defende que, na atitude natural, os actores sociais «trabalham» activamente, no sentido em que assumem uma posição activa de perfeita vigília perante o mundo, através da qual apreendem e criam significações. Assim, por exemplo, ao ler um jornal o actor toma como certo que as notícias existem e que as histórias são «notícias de actualidade». O leitor ou a leitora apreendem as histórias num quadro temporal claramente delineado que é socialmente definido em termos de intersecção da experiência humana com o movimento da lua e dos planetas. No mundo dos sonhos, o tempo está ausente, em expansão ou em suspenso; perde a sua referência social.

Os leitores de notícias também trabalham para encontrar sentido nas manchas de tinta impressas na página. Percebem palavras e frases, factos e interpretações. Apreendem activamente e atribuem significados a essas manchas, tal como apreendem activamente sons articulados como declarações e linguagem. De forma semelhante (Tuchman, 1978: 15-38) os jornalistas trabalham para apreender e atribuir significado quando identificam certos tópicos, e não outros, como notícias. Através deste trabalho, segundo Schutz, os actores sociais criam significações e, ao mesmo tempo, um sentido colectivo partilhado da ordem social. A ordem social depende da partilha de significações.

A noção de atitude natural de Schutz serviu como ponto de partida para vários autores da sociologia interpretativa, todos eles afirmando que os homens e as mulheres se empenham na criação de significações sociais. As teorias que derivam da abordagem de Schutz aplicam-se à produção noticiosa e às notícias enquanto fenómenos sociais, da mesma forma que se aplicam à apreensão de sons articulados como enunciações com sentido.

Consideremos de seguida os conceitos de «reflexividade» e «indexicalidade» desenvolvidos pelos etnometodólogos.

#### AS NOTÍCIAS COMO ACTIVIDADE REFLEXIVA E INDEXICAL

Sob a direcção de Garfinkel (1967) e Cicourel (1964, 1973), os etnometodólogos examinam como as pessoas constroem o sentido do mundo quotidiano quando assumem a atitude natural<sup>4</sup>. («Etnometodologia», foi um termo estabelecido por um dos discípulos de Garfinkel, que significa o estudo dos métodos das pessoas.) Os etnometodólogos não estão interessados nas categorias que as pessoas utilizam para darem sentido ao mundo; por exemplo, não consideram

os estereótipos que um grupo pode aplicar a outro. Estudam sim o trabalho diário de criação de categorias (ou, utilizando os seus próprios termos, a «produção» de categorias); por exemplo, como os significados estereotípicos são atribuídos aos actos de outras pessoas, como na estereotipização dos membros iniciais do movimento feminista (Tuchman, 1978: 133-155), na identificação de certos membros de movimentos sociais como «líderes responsáveis» (*ibid.*: 82-103), ou na rejeição do estereótipo de que todos os presidentes são desonestos (*ibidem*).

Os etnometodólogos propõem, especificamente: tal como a atitude natural existe em todas as sociedades e culturas, há também características ou métodos invariantes da atitude natural que as pessoas utilizam para darem sentido ao mundo quotidiano. Tais características não têm um conteúdo específico, mas podem ser invocadas para darem sentido a uma variedade de conteúdos. Essas características da atitude natural identificadas pelos etnometodólogos especificam como é que as pessoas funcionam num estado de plena vigília para apreenderem e criarem significações.

«Reflexividade» e «indexicalidade» são duas características invariantes identificadas pelos etnometodólogos. Estes conceitos gêmeos (indexicalidade implica reflexividade e vice-versa) podem ser utilizados para descrever como é que as pessoas conferem sentido às expressões umas das outras em conversações partilhadas; como é que as pessoas dão sentido às notícias como registos do mundo quotidiano; como os repórteres dão sentido aos acontecimentos; ou como é que as pessoas extrapolam a partir de cada tópico específico uma caracterização do mundo quotidiano.

Tanto a reflexividade como a indexicalidade referem-se à inserção contextual dos fenómenos. A reflexividade específica que os relatos dos acontecimentos estão inseridos na mesma realidade que eles próprios caracterizam, registam ou estruturam. A indexicalidade específica que os actores sociais, ao utilizarem relatos (termos, enunciações ou narrativas), podem atribuir-lhes sentidos independentes do contexto no qual esses relatos são produzidos e processados. Por exemplo, alguém atribui sentido a uma afirmação feita numa conversação em que participa tendo em conta o contexto dessa afirmação. (Sem contexto, a expressão «uh» não tem sentido). Retirar essa afirmação do seu contexto de produção e repeti-la numa segunda conversação, pode ser uma tentativa de atribuição indexical de sentido. Consideremos uma conversa hipotética de um casal (*ibid.*: 1-14). Discutindo sobre as notícias do dia, eles conversaram ao mesmo tempo sobre o comportamento de Joe numa reunião do departamento. No futuro, o casal pode referir-se a esse dia como «o dia em que Joe disse x». Separando a caracterização «o dia em que Joe disse x» do processo da sua produção, eles transformam aquela caracterização numa indexicalidade específica.

Tanto a reflexividade como a indexicalidade são componentes essenciais da transformação dos acontecimentos em notícias. São componentes quer do carácter público das notícias quer do próprio trabalho informativo.

→ O carácter público das notícias. As notícias registam a realidade social e são simultaneamente um produto dessa mesma realidade, na medida em que fornecem aos seus consumidores uma abstracção selectiva intencionalmente

coerente, mesmo podendo descuar certos pormenores. Quando os consumidores de notícias lêem ou vêem notícias, acrescentam-lhes pormenores – mas não necessariamente aqueles que foram suprimidos na construção da história. A abstracção e a representação selectivas da informação, e a atribuição reflexiva de significado aos acontecimentos enquanto notícias são características naturais da vida quotidiana.

Consideremos dois casos, o massacre de My Lai e o escândalo Watergate. Apesar de centenas de pessoas terem sido chacinadas em My Lai, as suas mortes não tiveram existência pública para os americanos até à divulgação de relatos selectivos do massacre. Sem esses relatos informativos, o acontecimento teria sido apenas uma preocupação pessoal dos soldados envolvidos e dos sobreviventes. Da mesma forma, o assalto à sede nacional do Partido Democrático no edifício de escritórios Watergate começou por ser um assunto público para os assaltantes detidos, mas uma preocupação pessoal para o pequeno grupo de indivíduos que poderiam ser identificados como conspiradores – até que mais ninguém tivesse conhecimento do seu efectivo envolvimento. A divulgação pública da informação foi necessária para que se iniciassem os processos judiciais e no Congresso e para que, em última análise, Richard Nixon fosse forçado a renunciar à Presidência. Em ambos os casos, os relatos noticiosos divulgaram o que se estava a passar ou o que se tinha passado no mundo quotidiano; em ambos os casos, os relatos noticiosos tiveram, claramente, uma intervenção activa no processo sociopolítico. Os militares tentaram silenciar a história de My Lai; os assessores do Presidente tentaram silenciar as notícias sobre Watergate. Os meios de comunicação social foram parte integrante do drama de estruturar e divulgar a informação, que constituiu depois base para a formação do conhecimento.

Os relatos informativos não só conferem às ocorrências a sua existência como acontecimentos públicos, como também lhes atribuem um certo carácter, na medida em que ajudam a dar forma à definição pública dos acontecimentos, atribuindo-lhes de forma selectiva pormenores ou «particularidades» específicas. Tornam acessíveis aos consumidores de notícias esses pormenores selectivos. Consideremos o caso de um motim. Ao divulgarem pormenores como o número de participantes, o número de feridos ou mortos, a dimensão dos estragos e a sequência das acções (por exemplo, um homem foi preso e depois uma multidão de cidadãos concentrou-se frente à esquadra da polícia), os relatos noticiosos transformam um motim enquanto acontecimento amorfo, no motim (aquele motim em particular), como acontecimento público e preocupação pública. Os relatos noticiosos dão também forma a noções sobre as características gerais de todos os motins. Kapsis et al. (1970) referem que todos os motins atravessam fases de formação, quando «nada de especial» parece estar a acontecer, tal como as batalhas têm também os seus «momentos de acalmia». As notícias normalmente ignoram estas fases, reduzindo o curso dos motins a uma actividade intensa e contínua. Através dos seus relatos de motins específicos, as notícias ajudam a dar forma a uma definição pública do que é um motim, e essa definição pública existe sem referência aos processos que transformaram o motim-ocorrência em motim-acontecimento-notícia.

Em última análise, os cientistas sociais podem de facto utilizar o relato noticioso como se fosse uma descrição verídica da ocorrência, como se a notícia fosse o próprio acontecimento (ver Danzger, 1975, 1976; Tuchman, 1976). Ao mesmo tempo, por exemplo, alguns historiadores e sociólogos tradicionais utilizam as notícias como dados que revelam a natureza dos fenómenos e os focos mutáveis das preocupações do público. Ao utilizarem as notícias como dados sem referência ao contexto da sua produção, esses sociólogos estão a basear-se no carácter indexical das notícias.

→ Notícias e a produção noticiosa. Tal como o carácter público das notícias é simultaneamente indexical e reflexivo, também a produção noticiosa está inserida num dado contexto. As notícias estão inseridas na organização social do trabalho informativo: nos meios conflituais das cadeias de responsabilidade territoriais, institucionais e de tópicos – descritas noutra contexto como rede de notícias (Tuchman, 1978: 15-38), que requerem uma permanente negociação; nas tipificações temporariamente estabelecidas, enraizadas no ritmo do trabalho (Tuchman, 1978: 39-63); e na constituição mútua dos factos e das fontes, realizada quer pela ancoragem da rede de notícias em instituições legitimadas quer pelas negociações entre concorrentes-colegas (Ibid.: 64-81).

Segundo Garfinkel (1967; ver também Cicourel, 1968), os trabalhadores recorrem à sua compreensão dos processos de uma instituição para produzirem registos sobre aspectos desses mesmos processos. No exemplo de Garfinkel, os entrevistadores responsáveis pelo controlo de admissões numa clínica utilizam a sua compreensão dos processos de trabalho dessa clínica para produzirem os registos de admissão dos entrevistados. Esses registos são assim objectivados como relatos factuais da história clínica e pessoal dos pacientes. Garfinkel mostra-nos como, no processo de produção destes registos, os trabalhadores reproduzem e objectivam quadros sociais da clínica. Moloch e Lester (1975) referem que podemos ver as notícias como uma reprodução da compreensão que os jornalistas têm tanto dos processos jornalísticos como dos processos políticos, e, assim, também como uma reprodução desses processos. Por exemplo, quando um jornalista ou um editor identifica uma ocorrência como notícia séria, aquele agente de informação está a basear-se na sua compreensão pessoal da forma de processamento deste tipo particular de notícias. Quando o executivo municipal é identificado como «a cidade», o jornalista está a basear-se em compreensões dos processos políticos e dos processos jornalísticos que transformam os políticos em representantes da cidade, passando assim a significar a própria cidade. Quando Betty Friedan foi identificada como uma «porta-voz responsável» ou como líder do movimento feminista, os jornalistas basearam-se nos seus métodos para determinarem a liderança responsável (Tuchman, 1978: 82-103 e 133-155). Em todas estas situações, o trabalho jornalístico está reflexivamente mergulhado no contexto da sua própria produção e apresentação. Baseia-se e ao mesmo tempo reproduz a estrutura política, assim como se baseia e também reproduz a organização do trabalho informativo.

Apesar do carácter reflexivo da produção das notícias, as histórias são normalmente apresentadas de forma indexical – dissociadas do seu contexto de

produção. Este aspecto das notícias é captado pelo modo de objectivação dos factos. Um jornalista pode citar uma fonte sem indicar qual foi a pergunta concreta que motivou aquela afirmação em particular (Ibid.: 96). Um repórter pode identificar um facto sem explicar como aquele facto foi produzido como um pormenor não problemático ou «especial» (Ibid.: 88). A indexicalidade das notícias está presente, simultaneamente, quer na a-historicidade das notícias quer na sua lógica do concreto, a insistente recusa por parte dos jornalistas em apresentarem as histórias no seu contexto situacional concreto – a recusa em analisarem a relação entre o ontem, o hoje e o amanhã.

#### AS NOTÍCIAS COMO QUADRO SIMBÓLICO

Goffman (1974) baseia-se claramente na interpretação etnometodológica de Schutz para a elaboração de dois conceitos centrais da sua análise dos quadros simbólicos<sup>9</sup>. Um «quadro simbólico» é constituído pelos «princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e o nosso envolvimento subjectivo nos mesmos». Os quadros simbólicos organizam tiras do mundo quotidiano (ou de qualquer outra das realidades múltiplas). Goffman define «tira» como «uma fatia ou um corte arbitrários na corrente das actividades em curso» (1974: 10-11). Tal como Schutz, Goffman considera que a experiência da realidade impõe uma dada ordem nessa mesma realidade. E à semelhança dos etnometodólogos, não admite a possibilidade de a ordem ser uma característica intrínseca do mundo quotidiano. Assim, os quadros simbólicos tornam acontecimentos não reconhecíveis ou a conversa amorfa em acontecimentos identificáveis. Sem os quadros simbólicos, seriam simples ocorrências ou mera conversa, sons incompreensíveis. Consideremos o seguinte diálogo apresentado como uma tira:

«Como foi?»  
«Nada de especial.»  
«Seis parágrafos?»  
«Está bem.»

Em si mesmo, este diálogo não tem sentido. Contudo, fornecendo-lhe um dado quadro sob a forma de informação adicional, esta tira transforma-se:

Um repórter regressa à redacção vindo da cena de um incêndio. Aproxima-se do editor-chefe, que levanta os olhos do seu trabalho e lhe pergunta: «Como foi?». Referindo-se ao incêndio, o repórter responde: «Nada de especial». O editor pergunta: «Seis parágrafos?». (Seis parágrafos serão o espaço suficiente para contar a história do incêndio?) O repórter responde: «Está bem», e dirige-se para a sua secretária, onde escreve seis parágrafos acerca do incêndio.

Enquadrada, esta tira torna-se reconhecível como uma conversação sobre uma ocorrência. Pode ser vista como a negociação do valor-notícia daquela

ocorrência como acontecimento informativo. E fornece uma determinada característica àquela ocorrência. O incêndio que o repórter observou não é um incêndio qualquer; é um pequeno incêndio, um incêndio específico que vale seis parágrafos de cobertura jornalística.

Os editores e os repórteres podem ser caracterizados como profissionais que procuram quadros simbólicos. Van Gledler procurava um quadro simbólico que lhe permitisse encontrar a sua história sobre a manifestação de mulheres ocorrida durante o Concurso de Miss América de Atlantic City para o seu jornal (Tuchman, 1978: 138). Os editores do *Seaboard City Daily* procuravam um quadro simbólico que lhes permitisse afirmar que um determinado edifício habitacional de uma zona degradada tinha permanecido, em pleno Inverno, vários dias sem aquecimento, sem que o senhorio tivesse tomado qualquer providência (*Ibid.*: p. 95). As imagens das notícias televisivas utilizam ângulos de câmara específicos como quadros simbólicos para dar significados sociais às relações espaciais (*Ibid.*: 104-132). E as sequências desses ângulos são depois elas próprias enquadradas (ou dispostas em justaposições convencionais) para criar outras relações entre os vários elementos constituintes de uma história. Em todos estes casos, dois processos ocorrem simultaneamente: uma ocorrência é transformada em acontecimento, e um acontecimento é transformado em notícia. O quadro simbólico das notícias organiza a realidade do quotidiano e é parte constituinte dessa mesma realidade, dado que, como vimos, o carácter público das notícias é uma das características essenciais das próprias notícias.

A análise de quadros simbólicos de Goffman reconhece a existência das notícias em duas realidades, simultaneamente. Ao contrário de Schutz e dos etnometodólogos, Goffman não reconhece o mundo quotidiano como uma realidade primordial. Está interessado noutras realidades múltiplas, como o teatro e o mundo da ilusão intencional (encenado por burlões e vigaristas, espíões e agentes duplos). Propõe os seus conceitos de quadro simbólico e de tira para questionar: quais as regras constitutivas do comportamento quotidiano que as pessoas utilizam para organizar a sua experiência num determinado mundo (realidade múltipla) de forma a poderem traduzir essa experiência para um outro mundo? Por exemplo, que regras permitem transformar a realidade quotidiana em ficção? E sublinha Goffman que a ficção, sob a forma de filmes, romances ou ilusões é um elemento do mundo quotidiano. Para Goffman, os próprios quadros simbólicos são fenómenos negociados.

Talvez o grande interesse de Goffman pelas ilusões o tenha levado, mas não aos etnometodólogos, a acentuar a vulnerabilidade da experiência de realizar enquadramentos. Para os etnometodólogos, o «documentário» é um método de ilustração, como no «método documental de interpretação», uma das características invariantes da atitude natural. O «método documental de interpretação» é uma forma de dar sentido aos fenómenos, associando-os a um princípio, a uma noção, ou a um conceito gerais<sup>30</sup>. Para Goffman, o termo «documentário» refere-se a transformação, não a associação, e revela a vulnerabilidade das cadeias de experiência (tiras) perante os dispositivos de enquadramento. Referindo-se a notícias e a documentários filmados, Goffman afirma (1974: 448,

450) que o enquadramento do documentário «deve incidir uma limitação de informação relativa (...) à interconexão dos acontecimentos literais no mundo real. (...) Paradoxalmente, (...) aquilo a que hoje chamamos documentário... é exactamente o que deveria ser considerado suspeito segundo os padrões da documentação». Ao impor uma ordem, ao limitar a informação acerca de uma tira que é incluída e difundida segundo um certo quadro documental, esse quadro documental cria necessariamente significação. Cria a significação tanto do jornalista na cena de uma história como jornalista-que-está-de-fora-e-comenta-os-acontecimentos, o «repórter objectivo», como da ocorrência enquanto acontecimento público.

No entanto, paradoxalmente, precisamente porque Goffman está interessado na vulnerabilidade da experiência e na organização social da mesma, rejeita de forma explícita a preocupação com a organização social *per se*. O seu interesse está nos estados de espírito e nos gestos que deslocam um fenómeno de um quadro simbólico para outro, não nos mecanismos institucionais que operam essa transformação. Com efeito, Goffman recusa-se a identificar os recursos organizacionais e profissionais que podem ser convocados para organizar a experiência, mesmo reconhecendo-lhes esse seu papel. Alguns desses recursos, porém, são explicitamente objecto de discussão no trabalho de Peter Berger e de Thomas Luckmann, também eles seguidores do trabalho de Schutz.

#### AS NOTÍCIAS E A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

Berger e Luckmann (1967) fundem as ideias de Alfred Schutz com algumas das preocupações sociológicas tradicionais acerca dos conteúdos da realidade que podem ser encontrados na atitude natural. Tal como Schutz e James, reconhecem o mundo quotidiano como realidade primordial. À semelhança dos ensaios de Schutz sobre o tema (1964), os escritos de Berger e Luckmann exploram também o impacto das instituições e dos processos sociais, à medida que os mesmos se desenrolam historicamente, na criação e definição dos factos sociais. No estudo dos factos sociais estão incluídas as categorias segundo as quais os grupos organizam a sua experiência colectiva da realidade e os processos através dos quais essas mesmas categorias são constituídas. Assim, Berger e Luckmann falam do mundo em que nascemos como um mundo dado, que é trazido até nós pelo mundo dos nossos antepassados (e que partilhámos com os nossos contemporâneos, incluindo aqueles que nos estão mais próximos; ver Schutz, 1962: 15 e segs.), e como um mundo a que damos forma na organização das nossas interações diárias e invocações de relevância. Criamos, por exemplo, a relevância do nosso passado colectivo para as nossas acções presentes e futuras ao invocar elementos do passado para justificar acções presentes. Por exemplo, o jornalista invoca grandes notícias do passado para construir novas notícias no presente.

Berger e Luckmann também sublinham a forma como as instituições objectivam as significações sociais. Sugerem que as significações sociais, constituídas nas interações sociais, se transformam em regras e procedimentos

institucionais e organizacionais que podem ser invocados como recursos para justificar acções. («Podemos incluir este comentário na notícia, se nos arranjar mais citações.») Do seu ponto de vista, as significações podem ser alteradas, da mesma forma que os significados das palavras se transformam quando são aplicados a novas situações. Os significados podem também ser codificados à margem dos contextos nos quais foram originalmente produzidos. Retirado do seu contexto de origem, um procedimento pode tornar-se «a forma de fazer as coisas»; ou seja, pode ser transmitido ao mundo dos nossos descendentes como um dado histórico objectivo. Por exemplo, os norte-americanos consideram como adquirido que as notícias são relatos a-históricos e a-teóricos de acontecimentos de actualidade que ocorrem em instituições específicas, e que as notícias utilizam a lógica do concreto. Consideramos como adquirida a produção diária de notícias como um bem de consumo, sem ter em atenção a sua relação histórica com o desenvolvimento da publicidade na imprensa barata. Tornamos como adquirida a integração da rede de notícias em instituições legitimadas e a existência de uma recolha centralizada de notícias, como chegou até nós desde o século XIX. E não conseguimos perceber como esta integração pesa negativamente na emergência de novas formas de notícia. Enquanto as notícias sérias continuarem a estar associadas às actividades das instituições legitimadas e enquanto a organização espacial e temporal do trabalho jornalístico continuar condicionada pelas actividades destas instituições, as notícias continuarão a reproduzir-se a si mesmas como factos históricos indiscutíveis. Não só definindo e redefinindo, constituindo e reconstituindo as significações sociais; mas também definindo e redefinindo, constituindo e reconstituindo modos de fazer as coisas – os processos existentes nas instituições existentes.

#### A IDEOLOGIA COMO PROCEDIMENTOS OBJECTIVADOS

Na sua abordagem da ideologia, Smith (1972) defende que a integração dos procedimentos em instituições legitimadas – a sua indexicalidade e reflexividade (Garfinkel, 1967), a sua objectificação (Berger e Luckmann), o seu processo simultâneo de enquadrar e participar no mundo quotidiano (Goffman, 1974), e a sua estruturação vulnerável da experiência (Goffman, 1974) – os identifica como *meios para não conhecer*. Na perspectiva desta autora, os procedimentos tornam-se assim «procedimentos interessados», métodos de não saber que se encontram incrustados nas instituições legitimadas que eles próprios reproduzem. Estes procedimentos facultam aos actores sociais materiais que se destinam à produção de estruturas sociais e, ao mesmo tempo, limitam a capacidade de os actores transformarem as instituições e as estruturas existentes.

A caracterização que Smith estabelece da ideologia como *meio de não saber* vai mais longe que a noção de ideologia como indicação dos projectos possíveis dos actores sociais agindo num estado de perfeita vigília, de acordo com a atitude natural. Baseando-se nas sociologias interpretativas, esta caracterização comporta uma crítica à forma como os «procedimentos interessa-

dos» permanecem cegos perante as suas próprias profecias de autorealização. Uma crítica que se aplica ao jornalismo, assim como às ciências sociais.

GAYE TUCHMAN

1978, «News as a Constructed Reality»,  
in *Making News: a Study in the Construction of Reality*, New York, The Free Press.

#### NOTAS

<sup>1</sup> «Projectos» é um termo técnico. Schutz (1962: 46-65) vê a acção como um projecto (ou projecção) de preocupações presentes e experiências passadas para o futuro, e sublinha que os actores sociais se empenham na sua realização. Sugere também que a base das acções do passado e do presente significa que a acção terá lugar num futuro hipotético; cada indivíduo baseia a sua acção naquilo que espera que venha a acontecer.

<sup>2</sup> O uso de Schutz das ideias de James desvaloriza o modo como o conhecimento se desenvolve através de padrões de trocas. O trabalho de Schutz está também directamente ligado ao trabalho de Husserl, o qual foi extremamente influenciado por Brentano. E James também foi influenciado por Brentano.

<sup>3</sup> Hepp e Roth (1973) fornecem uma discussão útil da relação entre o trabalho de Schutz e as sociologias fenomenológicas subsequentes. Estes autores dão destaque e explicam a noção de intersubjectividade.

<sup>4</sup> Ver Hepp e Roth (1973) para uma discussão da intencionalidade e da intersubjectividade.

<sup>5</sup> Este uso do conceito de «atitude» é bem diferente da acepção sociológica comum. Não se refere a estados de espírito (como «atitude positiva»), nem a opiniões e ideias (como «a atitude da classe média perante a sexualidade»). Mas, uma vez, ver Hepp e Roth (1973).

<sup>6</sup> Há uma distinção que tem de ser estabelecida entre «dar atenção» a alguma coisa e «atentar» em algo. Agindo de acordo com a atitude natural, ambos os leitores estão a atentar na notícia, estão a aprendê-la. Segundo o quadro de Schutz, a apreensão não é um contínuo; «dar atenção» é algo que pode ser aferido pelas ciências sociais mais tradicionais.

<sup>7</sup> Estas são, segundo Schutz (1962: 230, 231):

1. Uma tensão particular da consciência, nomeadamente um estado de perfeita vigília, originado pela plena atenção à vida.
2. Uma epoché específica, designadamente a suspensão da dúvida.
3. Uma forma de espontaneidade predominante, nomeadamente laboriosa (uma espontaneidade significativa baseada num projecto e caracterizada pela intenção de realizar o estado projectado dos acontecimentos, através de movimentos corporais que têm por origem o mundo exterior).
4. Uma forma específica de experiência de si mesmo (um eu trabalhador como eu total).
5. Uma forma específica de sociabilidade (o mundo comum intersubjectivo da comunicação e da acção social).
6. Uma perspectiva de tempo específica (o tempo-padrão originado numa intersecção entre a *durée* e o tempo cósmico como estrutura temporal universal do mundo intersubjectivo).

<sup>8</sup> Mehan e Wood (1975) apresentam uma explicação valiosa da etnometodologia.

<sup>9</sup> Mas Goffman atribui a Bateson (1955) estes termos e aplica a utilização que Bateson fez deles.

<sup>10</sup> Por exemplo, Zimmerman e Pollner (1970) acusam os interaccionistas simbólicos de usarem o método documental de interpretação ao reorganizarem a sabedoria popular das suas fontes em vez de analisarem como essa sabedoria é uma realização intersubjectiva (ver Wilson, 1970). A sua crítica teórica invoca também um argumento epistemológico a propósito da forma de produção de dados pelo cientista social.



## BIBLIOGRAFIA

- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas, 1967, *The Social Construction of Reality*, Garden City, N. Y., Doubleday-Anchor.
- CICOUREL, Aaron V., 1964, *Method and Measurement in Sociology*, New York, The Free Press.
- 1968, *The Social Organization of Juvenile Justice*, New York, Wiley.
- 1973, *Cognitive Sociology*, Baltimore, Md., Penguin Books.
- DANZGER, M. Herbert, 1973, «Validating Conflict Data», *American Sociological Review*, n.º 40.
- FARBER, Marvin, 1966, *The Aims of Phenomenology: the motives, methods and impact of Husserl's thought*, New York, Harper & Row.
- GARFINKEL, Harold, 1967, *Studies in Ethnomethodology*, Englewood Cliffs, N.J., Prentice-Hall.
- GOFFMAN, Erving, 1974, *Frame Analysis*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- HEAP, James L. e ROTH, Phillip A., 1973, «On Phenomenological Sociology», *American Sociological Review*, n.º 38 (3).
- HUSSERL, Edmund, 1960, *Cartesian Meditations: an introduction to Phenomenology*, The Hague, M. Nijhoff.
- 1967, *Ideas: general introduction to Pure Phenomenology*, New York, Humanities Press.
- KAPSIS, Robert, SAUNDERS, Bruce, SMITH, Jim, TAKAGI, Paul e WILLIAMS, Oscar, 1970, *The reconstruction of a Riot: a case study of community tensions and civil disorder*, Waltham, Mass., Brandeis University Lemberg Center for the Study of Violence.
- MOLOTOCH, Harvey L. e LESTER, Martin, 1975, «Accidental News: the great oil spills», *American Journal of Sociology*, n.º 81.
- ROSHCO, Bernard, 1975, *Newsmaking*, Chicago, University of Chicago Press.
- SCHUTZ, Alfred, 1962, *Collected Papers, Volume I: the problem of social reality*, The Hague, M. Nijhoff.
- 1964, *Collected Papers, Volume II: studies in social theory*, The Hague, M. Nijhoff.
- 1966, *Collected Papers, Volume III: studies in Phenomenological Philosophy*, The Hague, M. Nijhoff.
- 1967, *The Phenomenology of the Social World*, Evanston, Ill., Northwestern University Press.
- SMITH, Dorothy E., 1972, «The Ideological Practice of Sociology» excerto de «Theorizing Ideology», in Roy Turner (ed.), *Ethnomethodology*, Baltimore, Md., Penguin Books, 1974.
- TUCHMAN, Gaye, 1978, *Making News: a study in the construction of reality*, New York, The Free Press.
- ZIMMERMAN, Don H. e POLNER, Melvin, 1970, «The Everyday World as a Phenomenon», in Jack D. Douglas (ed.), *Understanding Everyday Life*, Chicago, Aldine.
- WILSON, Thomas P., 1970, «Normative and Interpretive Paradigms in Sociology», in Jack D. Douglas (ed.), *Understanding Everyday Life*, Chicago, Aldine.